

Considerações finais

Os experimentos continuam em processo. Por mais que não produza mais fotos a partir das feitas no lago, sempre retorno a elas como uma maneira de ativar uma espécie de produção de imagens mentais, de possibilidades fotográficas, de possibilidades de vida. Além disso, algumas questões nas fotos me intrigam: essa pequena constelação de imagens surgiu do desejo de pensar a vida de outra forma que não como história, como um caminho, uma estrada. No entanto, em grande parte das fotos, vê-se estradas. Uma contradição? Uma impossibilidade de sair desse modelo? Ou um *pathos* que sobrevive nas imagens?

De fato, imagens de estradas fazem parte do meu imaginário, sempre acompanhadas de uma sensação de suspensão do tempo. Não o ir, através da estrada, para algum lugar. Ou a estrada como ligação entre dois pontos, como um caminho a percorrer. Mas um entre-lugar, um espaço em que o tempo cronológico é suspenso. Talvez daí venha a recorrência.

Também há outro momento desconcertante na maioria das fotos: os corpos que aparecem sempre incompletos, cortados. Sempre um pedaço de corpo. Em relação a isso, mais do que buscar uma interpretação, de pensar como isso pode significar a impossibilidade de completude, de unidade, o que de fato esse detalhe causa em mim é o desejo de voltar para as fotos, cortar ainda mais, ou desfazer os contornos.

Em relação ao segundo experimento, as fotos mostradas são apenas as primeiras, ainda há um vasto material, as possibilidades se multiplicam. No momento, trabalho com as imagens de estrada, agrupadas somente pela aparência. Aqui, novamente, uma suspensão, um embaralhamento das imagens que quebra a cronologia. Ou a

sobreposição de todos os tempos, todas as datas, todos os caminhos. Um Aleph que se abre.

O terceiro experimento é uma obsessão. Enquanto escrevo, mais uma câmera marca o tempo. É sempre perturbador o encontro com essas imagens. Um exercício desconcertante de deslocamento subjetivo, de embate. Um exercício de manter em movimento minha subjetividade, nunca fixá-la.

Todos esses experimentos surgiram a partir das leituras do horizonte crítico da autobiografia, de um arcabouço teórico, e de um conjunto de discussões que impulsionaram – mesmo que, algumas vezes, a contrapelo – meu desejo de experimentar uma prática autobiográfica visual. Talvez pudesse ter escolhido outro caminho, ter aberto um diálogo maior com as artes visuais e com a própria fotografia. Mas era preciso partir de algum lugar, e a história teórica da autobiografia me permitiu enxergar mais claramente o que desejava e o que não desejava experimentar.

Nesse sentido, o pensamento crítico de Jean Starobinski e Leonor Arfuch desempenharam um papel fundamental em minha pesquisa. Com Starobinski, defini o que buscar em minha prática autobiográfica, isto é, uma autobiografia que não fosse motivada por uma experiência anterior à escrita, mas por um desejo de transformação pela escrita (ou pela fotoescritura). Essa perspectiva influenciou definitivamente meu projeto, substituindo um olhar retrospectivo (e prospectivo), por um exercício propositivo.

Já as leituras que fiz de Arfuch, me apontaram para outras perspectivas autobiográficas, para noções de sujeito e subjetividade mais afinadas com a minha vivência e com o que eu gostaria de experimentar. Além disso, a descoberta de projetos antibiográficos potencializaram as possibilidades de exploração. Funcionaram como exemplos iluminadores que, apesar de não desejar imitá-los, me deram mais confiança no momento de explorar minha própria produção.

Assim é que busquei uma autobiografia visual para além da busca de sentido (direção e significado). A ideia era me abrir para possibilidades de vida, me deslocar, ser várias, me colocar fora de mim mesma. Em vez

de buscar um sentido para a vida, em termos de direção, fazer multiplicar os caminhos, dar movimento à vida. E em vez de buscar uma significação, me colocar sensível à novas proposições.

Sei que é possível, se assim alguém quiser, fazer a análise entre o que busquei e o que pode ser visto nas imagens. É possível interpretar as notas e as imagens e diagnosticar nelas uma falha, ou até um "deu certo", "funcionou". Mas o "deu certo", como coloca Roberto Corrêa dos Santos, "está fora do teste, da prova, da ousadia, da experiência" (2012, p.93).